



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

A BRINCADEIRA COMO PRÁTICA CORPORAL ESSENCIAL: A “RESPOSTA” DAS CRIANÇAS EM RELAÇÃO À PERGUNTA “O QUE MAIS GOSTO DE FAZER NA ESCOLA E EM QUE LUGAR E O QUE MENOS GOSTO DE FAZER NA ESCOLA E EM QUE LUGAR?”

Tayanne da Costa Freitas¹
Ingrid Dittrich Wiggers²

PALAVRAS-CHAVE: brincadeira; práticas corporais; tempo e espaço; infância; escola.

INTRODUÇÃO

As práticas corporais constituem-se como uma forma de linguagem em âmbito corporal e são frutos do processo de diferentes construções coletivas e potencialidades individuais. De acordo com Soares (2005), as práticas corporais podem ser configuradas como pedagogias que intervêm sobre o corpo. Entendemos que as práticas corporais, dentro da estrutura e do contexto escolar são as brincadeiras, os jogos, as danças e os esportes capazes de serem representadas pela cultura infantil.

Conforme Sarmiento (2004) a cultura infantil é fortemente marcada pela ludicidade que se materializa no brincar, compondo uma das atividades interativas de imensa significação para as crianças.. De acordo com Brougère (2002), há um movimento tanto interno quanto externo, através do qual a criança constrói sua cultura lúdica brincando. Na visão do autor, a brincadeira é forma de ação social que tanto produz uma cultura lúdica específica como é produzida por uma cultura mais ampla. A brincadeira, portanto, é evidenciada pela apreensão e ressignificação por parte da infância de valores e aspectos da realidade em que se encontram.

Observa-se que as crianças, quando envolvidas no brincar, criam e recriam suas atitudes, agem de maneira autônoma e coletiva. São elas próprias que regem as regras, apontam como será desenvolvida a brincadeira, reconhecendo a existência do outro como um parceiro do acontecer lúdico. Quando brinca, é a criança e seu grupo que decidem o que fazer, quando começar e terminar a brincadeira.

Na escola, verifica-se que há tempos e espaços determinados para todas as atividades, inclusive para o brincar. Diferente do espaço da rua, que permitia que os grupos se auto-organizassem e se autogestassem, na escola é o adulto quem organiza o tempo e o espaço da criança, criando regras de convivência sem a participação delas que acabam indo muitas vezes de encontro aos interesses das crianças.

Neste estudo destacamos as crianças como produtoras dos dados e queremos identificar aspectos referentes às ações das crianças no ambiente escolar, ou seja, queremos identificar e analisar, por meio da pergunta “o que mais gosto de fazer na escola e em que lugar e o que menos gosto de fazer na escola e em que lugar?”, como as crianças se apropriam dos tempos e espaços propostos pela estrutura escolar, por intermédio das práticas corporais.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento do estudo elencou-se uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental do Centro de Educação Infantil (CEI) localizado na Região Administrativa do Riacho Fundo II (RA-XXI), que fica a 30km de Brasília, Distrito Federal. Nessa turma estavam matriculadas 28 crianças, dentre as quais 20 meninos e 8 meninas com idades entre seis e sete anos.



O delineamento dessa investigação se caracterizou por uma pesquisa de campo com pressupostos da abordagem qualitativa com influência fenomenológica, bem como certa orientação etnográfica. A observação participante com registro em diário de campo, a produção de desenhos pelas crianças, conjugados com a oralidade fizeram parte do caminho metodológico.

Às crianças foi solicitado que desenhassem a partir da pergunta: “o que mais gosto de fazer na escola e em que lugar e o que menos gosto de fazer na escola e em que lugar?”. Esse desenho foi realizado na sala de aula com a presença de apenas 22 crianças. Para cada criança foi disponibilizado uma folha de papel A4 colorida e pedimos que posicionasse no sentido horizontal e dividisse ao meio com uma linha. Materiais como canetinhas, lápis de cor e giz de cera também foram disponibilizados.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Em um total de 44 desenhos produzidos identificamos que as brincadeiras apareceram em 100% dos desenhos, considerando um contexto de práticas corporais mais preferidas ou menos preferidas. Evidencia-se nos desenhos e falas das crianças, que o tempo e o espaço para as brincadeiras acontecem no momento da recreação no parque, como menciona Romeu (7 anos) ao ser perguntado em que momento da escola ele pode brincar: - “Só no parquinho” (DIÁRIO DE CAMPO, 26/05/2014, p. 55).

Contudo observa-se que as crianças da turma pesquisada brincam a todo o momento, em todos os espaços e de variadas brincadeiras. Brincam com suas mochilas, com seus lápis de cores. Brincam em duplas ou sozinhas. Fazem da mochila carrinho, da tesoura um avião e da cadeira, balanço. Estojos de lápis simulam espadas para uma luta velada embaixo da mesa. Brincam de empurrar um ao outro na fila durante o trajeto de um espaço para o outro ou abaixam-se para brincar de cartinhas. As meninas apreciam bastante as brincadeiras cantadas com as mãos e todos, no dia do brinquedo, brincam com seus brinquedos trazidos de casa (DIÁRIO DE CAMPO, 10/04/2014, p.26). Consentidas ou não, as crianças brincam.

Ao analisar os desenhos das crianças, observa-se que na escola pesquisada as brincadeiras assumem lugar de destaque em suas ações. Dentre os desenhos percebe-se que os meninos gostam de brincadeiras esportivas e brincadeiras de combate, como futebol, brincar de arminha, guerrinha, polícia e ladrão e quase não brincam nos brinquedos do parque. Já as meninas preferem brincadeiras na casinha de bonecas, nos brinquedos do parque, pular corda, brincadeiras realizadas com as mãos e cantigas, porém não gostam muito das brincadeiras que envolvam correr pelo espaço, pois temem se machucarem ou se sujarem.

As crianças, sendo privadas de participar junto com os adultos da organização do tempo e do espaço da escola, não conseguem se apropriar desses espaços. Tal fato acaba gerando atitudes de indisciplina que buscam expressar o que sentem por não serem respeitadas em seus próprios interesses. Instaura-se um conflito caracterizado por resistência, rebeldia e conformismo. Pinto (2007) destaca que a autoridade dos adultos sobre as crianças, acaba por oprimi-las ao ponto de, na maioria das vezes, conformá-las à situação vigente e desta maneira percebemos a dissonância entre o discurso oficial das crianças e suas ações.

CONCLUSÃO

A brincadeira velada ou não representa para a criança um ato prazeroso e que media as relações com seus pares. Para Carvalho (1998) brincar não é um simples gesto mecânico, mas movimento dotado de intencionalidade, de significados, de emoção, de expressão e movimento contextualizado culturalmente. Entendemos ser um momento de aprendizagem, de diálogo, de superação e de reinvenção.

A rigidez da organização do tempo e espaço escolar formatado não atendem às



particularidades dos sujeitos do cotidiano, ampliando muitas vezes somente a quantidade de tempo, enquanto a qualidade é posta em segundo plano. Os tempos e espaços pedagógicos são fragmentado por meio das atividades balizadas pelo calendário como: os períodos festivos e comemorativos, avaliações, planejamentos, reuniões, entre outros. A rede de relações que existe na sociedade, não possibilita que a criança exerça seus direitos civis e políticos, seu direito a ser consultada e ouvida, a ter acesso à informação, à liberdade de expressão e opinião, e a tomar decisões em seu proveito.

Ao nos aproximarmos da escola pesquisada registramos diferentes práticas corporais realizadas pelas crianças nos tempos e espaços estruturados pelos adultos. Evidenciou-se por meio das observações e desenhos que as crianças brincam a todo momento e consideram momento da recreação, o parque e a quadra de esportes espaços de referência para esse brincar autorizado e livre. A rotina revelou uma série de ações que ocorrem em paralelo e são invisíveis e inaudíveis para quem pretende ver somente a dimensão opressora da realidade. Os próprios corpos se revelam menos dóceis do que imaginávamos, e as crianças circulam, autorizadas ou não, pelo espaço escolar. À escola presta-se refletir criticamente seus currículos, medidas disciplinares, tempos e espaços em diálogo com os elementos da cultura lúdica, como a brincadeira, ouvindo a criança e permitindo-lhe que participe da tessitura de seus saberes.

REFERÊNCIAS

- BROUGÈRE, Gelis. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 2002.
- CARVALHO, Nazaré Cristina. **O brincar, a cultura da criança e a escola: possibilidades na educação física escolar**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista. Piracicaba, 1998.
- FONSECA, Adriana de Castro, FARIA, Eliete do Carmo Garcia Verbena. Práticas corporais infantis e currículo – Ludicidade e ação no cotidiano e escolar. In: ARROYO, Miguel G., SILVA, Maurício Roberto (Orgs). **Corpo infância: exercícios tensos de ser criança por outras pedagogias do corpo**. Petrópolis: Vozes, p. 280-300, 2012.
- PINTO, Maria Raquel Barreto. Tempo e espaços escolares: o (des) confinamento da infância. In: CARVALHO, Diana de; QUINTEIRO, Jucirema (Orgs.). **Participar, brincar e aprender: exercitando dos direitos das crianças na escola**. v. 1. Araraquara, SP: Junqueira & Marin Editores, 2007.
- SARMENTO, Manoel Jacinto. **As culturas da infância na encruzilhada da 2ª modernidade**. Portugal: Cedic/Universidade do Minho, 2004.
- SOARES, Carmen Lúcia. Práticas Corporais: Invenção de pedagogias? In: SILVA, Ana Márcia; DAMIANI, Iara Regina (Orgs.). **Práticas corporais: gênese de um movimento investigativo em educação física**. v. 1. Florianópolis: Nauembla Ciência & Arte, 2005.

FONTE DE FINANCIAMENTO

O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

¹ Mestre em Educação Física Escola. Secretaria de Educação do DF. prof.tayanne@gmail.com

² Doutora em Educação. Universidade de Brasília. ingridwiggers@gmail.com